



A DESTERRITORIALIZAÇÃO VIVIDA PELA PERSONAGEM NAS CARTAS E CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Universidade Estadual da Paraíba
analiteraturasouza@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo é resultado de leituras realizadas nas aulas de Teoria e Crítica Literárias II, no curso de Letras. O estudo da narrativa de Clarice Lispector, umas das escritoras abordadas na disciplina, suscitou aproximações com as cartas escritas pela autora e enviadas a familiares e amigos do universo das letras, durante as décadas de 1940 a 1960. Os contos escritos na década de 1950 e presentes na coletânea *Laços de Família* (1960/1998) gerou a discussão de questões recorrentes na narrativa de Clarice Lispector, que se fazem presentes também em cartas da autora. Dentre estas temáticas, destaca-se a tensão identitária, marcada pela “desterritorialização” das personagens femininas, bem como a potencialização de “linhas de fuga” criativas sinalizadoras de transformações subjetivas dos indivíduos. Analisamos aqui, alicerçados nos estudos de Deleuze e Guattari (1996) e Hall (2014), uma carta de Clarice Lispector, enviada à sua irmã Tânia Kaufman, em janeiro de 1948, estabelecendo aproximações com a realidade vivida pelas personagens femininas dos contos *Amor* e *A imitação da rosa*.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Carta. Conto. Tensão identitária. Desterritorialização.

[...] Mas eu sou feita de tão pouca
Coisa e meu equilíbrio é tão frágil
que eu preciso de um excesso de
segurança para me sentir mais ou
menos segura. (LISPECTOR, 1944,
apud MONTERO, 2015).

1- INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, autora de romances, contos, crônicas, também se dedicou a escrita epistolar, que se encontra organizada em três coletâneas: *Cartas perto do coração* (2000), *Correspondências* (2002) e *Minhas queridas* (2007). A maioria das missivas foi escrita no período em que a escritora, para acompanhar o marido diplomata, morou no exterior onde passou cerca de 16 anos vivendo em diferentes países.

A leitura da correspondência de Clarice, foco deste estudo, assim como alguns contos da escritora, traz para o leitor a representação de um sujeito *desterritorializado*, no sentido deleuziano/guattariano, isto é, marcado pelo movimento de abandono do território, “operação de linha de fuga” (o rompimento de laços, fronteiras, identidades) seguido, “de maneira concomitante e indissociável” do movimento de *reterritorialização*, construção de novos territórios. (DELEUZE e GUATTARRI, 1996).

Nos textos de Clarice, percebemos a apresentação, de maneira aguda, da *desterritorialização* do Eu, que abre mão dos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desejos e projetos para atuar conforme a vontade do Outro (marido, amigos, sociedade). No processo contínuo de des-reterritorialização, o Eu, das cartas e dos contos, empreende um movimento de construção do território, apegado ao lar e submetido a papéis previamente estabelecidos, esposa dedicada, mãe cuidadosa, dona de casa exemplar, na busca por construir com o Outro uma relação sólida de amor, afeto e proteção, embora, na maioria das narrativas, permaneça o sentimento de insatisfação.

As cartas citadas na análise foram coletadas nas obras: *Clarice: uma vida que se conta* (1995), de Nádia Batella Gotlib, e *Minhas queridas*, organizada pela biógrafa Teresa Montero e publicada em 2007. Resultado de uma pesquisa de pós-Graduação, a obra de Gotlib corresponde a uma das principais biografias de Clarice Lispector. O livro de Montero, por sua vez, apresenta um total de 120 correspondências enviadas por Clarice para as irmãs Elisa Lispector e Tânia Kaufman entre os anos de 1940 e 1959. As cartas foram encontradas nos arquivos pessoais das irmãs da escritora. (MONTERO, 2007).

Entre os assuntos abordados nas missivas estão comentários sobre a produção e recepção das obras da autora; expressão do afeto por familiares e amigos; visão crítica e descontente da vida social no exterior;

aspectos da vida cotidiana da mãe/esposa/escritora. Esta última temática mostra-se recorrente na produção literária de Clarice.

Montero (2007) organiza a coletânea de carta de acordo com os lugares onde Clarice fixou residência, desde quando ainda morava no Rio de Janeiro: Rio de Janeiro (1940-1942), Belém (1944), Lisboa (1944), Roma (1944-1946), Nápoles (1944-1945), Florença (1945), Berna (1946-1949), Paris (1947), Torquay (1950-1951) e Washington (1953-1957).

A viagem para o exterior ocorre logo depois do casamento com o diplomata brasileiro Mauri Gurgel Valente. Segundo Montero, fora do Brasil, Clarice publicou grande parte da sua obra literária:

A cidade sitiada (1949) e *A maçã no escuro* (1961), sendo que *O lustre* (publicado em 1946) estava terminado quando ela mudou-se para Nápoles. Também produziu vários contos, incluídos nos volumes *Alguns contos* (1952), *Laços de Família* (1960) (que absorveu os seis contos do livro anterior somados aos sete inéditos) e *A legião estrangeira* (1964).

Apesar da pujança na produção literária, Clarice mostra-se em suas missivas enviadas para as irmãs triste e sem entusiasmo com a vida no exterior: “Penso que vocês acham que eu levo tal grande vida que menos cartas, mais cartas, me dá no mesmo. Que eu levasse essa tal maravilha de vida, e precisaria de

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



cartas de vocês. Ainda mais, quando meu desejo é sobretudo estar aí no Brasil” (LISPECTOS, 1944, *apud* MONTEIRO, 2015). Em outra carta às irmãs afirma: “É que para mim, não existem lugares, existem pessoas” (LISPECTOR, *apud* MONTEIRO, 2007).

2- Discussão/resultados: Da carta às personagens de *Laços de família*

Conforme destaca Ionta (2005), em estudo sobre as correspondências dos poetas Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, “[...] há cartas que captam instantes fugidios, fases específicas, mudanças de rota, pontos de conversão da alma, seu gênero narrativo possibilita fixar as forças do devir de uma existência”, é desta forma que vemos, por exemplo, uma carta de Clarice, endereçada a irmã Tânia Kaufmann, em 1948. Nesta época a escritora morava em Berna, na Suíça. A carta além de bonita e comovente, (re)vela de maneira expressiva o processo de “desterritorialização” vivido pela escritora:

A Tânia Kaufman
Berna, 6 de janeiro de 1948.

Minha florzinha,

Recebi sua carta deste estranho Bucsky, datada de 30 de dezembro. Como fiquei contente, minha irmãzinha, com certas frases suas. [...]Você está toda viva! Somente você tem levado uma vida irracional, uma vida que não parece com você.

Tânia, não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso, nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro. [...]Mas o que eu queria dizer é que a gente é muito preciosa, e que é somente até certo ponto que a gente pode desistir de si própria e se dar aos outros e às circunstâncias. Depois que uma pessoa perder o respeito de si mesma e o respeito de suas próprias necessidades, depois disso fica-se um pouco um trapo. Eu queria tanto, tanto estar junto de você e conversar, e contar experiências minhas e de outros. Você veria que há certos momentos em que o primeiro dever a realizar é em relação a si mesmo. Eu mesma não queria contar a você como estou agora, porque achei inútil. Pretendia apenas lhe contar o meu novo caráter, ou falta de caráter, um mês antes de irmos para o Brasil, para você estar prevenida. Mas espero de tal forma que no navio ou avião que nos levar de volta eu me transforme instantaneamente na antiga que eu era, que talvez nem fosse necessário contar.

Querida, quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? Assim fiquei eu..., em que pese a dura comparação....para me adaptar, ao que era inadaptável, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões, cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. [...] ideia de ver você e de retomar um pouco minha vida, que não era maravilhosa, mas era uma vida, eu me transformei inteiramente. [...]Não haveria nem necessidade de lhe dizer, então...Mas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Minha irmãzinha, ouça meu conselho, ouça meu pedido: respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver. Eu tenho tanto medo de que aconteça com você o que aconteceu comigo, pois nós somos parecidas. [...]Gostaria mesmo que você me visse e assistisse minha vida sem eu saber – pois somente saber de sua presença me transformaria e me daria vida e alegria. Isso seria uma lição para você. Ver o que pode suceder quando se pactuou com a comodidade de alma. Tenha coragem de se transformar, minha querida, de fazer o que você deseja – seja sair nos week-end, seja o que for. [...].

(LISPECTOR, *apud* GOTLIB, 1999, p.255-256).

Na carta deparamo-nos com um Eu dilacerado como revelado nos momentos “epifânicos” presentes nos contos e romances de Clarice. Há uma profunda reflexão sobre os limites entre o Eu e o mundo exterior: “Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado.”. As mudanças sociais exigiram dela modificação no comportamento e nesta

transformação desistiu de si mesma e se dedicou aos outros completamente.

Assim como nos contos *Amor* e *A imitação da rosa*, há a revelação da anulação da personagem feminina enquanto pessoa para satisfazer o Outro (família, sociedade). No conto “Amor”, texto que Clarice faz referência em carta à irmã Tânia, datada de 31 de janeiro de 1957, narra a história de Ana, que, como muitas personagens de Clarice, encontra-se resignada à rotina dos afazeres domésticos e ao cuidado com os filhos e o marido:

[...] sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. (LISPECTOR, 1998, p.20).

Um dia, ao sair de casa para fazer compras, Ana avista um cego mascando chicles e passa por um processo de reflexão sobre a sua condição. A protagonista do conto descobre-se insatisfeita, incompleta diante da condição social destinada à mulher: “O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera”. (LISPECTOR, 1998, 20).

O conto *A imitação da rosa*, narrado em terceira pessoa e que, dito de uma maneira simplificada, trata da história de uma mulher chamada Laura, que está esperando o marido para sair com um casal de amigos para jantar: “Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia, e então saíam com calma, de braço dado como antigamente. Há quanto tempo não faziam isso?”. (LISPECTOR, 1998, p34). Em um dado momento da narrativa, ela passa a admirar um ramalhete de rosas, que desperta nela uma série de reflexões. Como outras narrativas do livro *Laços de Família* (1960/1998), a personagem Laura também se esconde na cotidianidade do lar, sufocando seus sonhos e desejos para manter seu casamento:

Ela, que nunca ambicionara senão ser a mulher de um homem, reencontrava grata sua parte diariamente falível. De olhos fechados suspirou reconhecida. Há quanto tempo não se cansava? Mas agora sentia-se todos os dias quase exausta e passara, por exemplo, as camisas de Armando, sempre gostara de passar a ferro e, sem modéstia, era uma passadeira de mão cheia. E depois ficava exausta como uma re-

compensa. Não mais aquela falta alerta de fadiga. Não mais aquele ponto vazio e acordado e horrivelmente maravilhoso dentro de si. Não mais aquela terrível independência. Não mais a facilidade monstruosa e simples de não dormir — nem de dia nem de noite — que na sua discrição a fizera subitamente super-humana em relação a um marido cansado e perplexo. (LISPECTOR, 1998, p.37-38).

Na carta, o EU apresenta-se na mesma condição vivida pelas protagonistas Ana e Laura: “[...] para me adaptar, ao que era inadaptável, para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus grilhões, cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força.”. Este corte do elemento vital para o EU corresponde a um processo de subjetivação no qual o sujeito está imerso em uma falta de compreensão de si, pois se encontra mergulhado em um contexto artificial de máscaras impostas socialmente. É necessária que a subjetividade torne-se livre e singularizada, conforme destacam Deleuze e Guattari:

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante.



Na posição de experiente, a missivista aconselha a irmã a agir de modo diferente da maneira como tem agido na Europa. No novo território, não apenas no sentido geográfico, mais também subjetivo, o sujeito reinventa seu modo de se inscrever na sociedade, subvertendo as próprias normas que o regulam: “Pretendia apenas lhe contar o meu novo caráter, ou falta de caráter, um mês antes de irmos para o Brasil, para você estar prevenida.”. Segundo Stuart Hall (2014), o sujeito moderno não se encaixa mais na concepção de um ser unicamente composto de uma identidade fixa, ou seja, não é mais um sujeito unificado como se pensava anteriormente desde Descartes. Quando está em questão o sujeito contemporâneo, entende-se que se relaciona este sujeito com os processos de deslocamento da pós-modernidade. Este sujeito não seria mais composto de uma única identidade imutável, definitiva, como pensava o Iluminismo, pois agora, ele está em processo de fragmentação de sua identidade. De acordo com Hall (2014, p.11):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que

asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Para se singularizar os sujeitos precisam superar as idealizações e a busca por se conhecer no e pelo olhar do outro: “[...] não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver.” Para Deleuze e Guattari,

O pior não é permanecer estratificado — organizado, significado, sujeito — mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca. Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desterritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de uma nova terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades [...] Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada para nós, em nós, no lugar onde estamos; ir dos estratos ao agenciamento mais profundo em que estamos envolvidos; fazer com que o agenciamento oscile delicadamente, fazê-lo passar do lado do plano de



consistência. É somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. Você terá construído sua pequena máquina privada, pronta, segundo as circunstâncias, para ramificar-se em outras máquinas coletivas. (DELEUZE e GUATTARI, p. 22).

Para escapar dos pontos de subjetivação que as condicionam à realidade imposta, “sem desestratificar grosseiramente”, as personagens femininas da carta e dos contos precisam ter a “coragem de se transformar, minha querida, de fazer o que você deseja – seja sair nos week-end, seja o que for” (LISPECTOR, *apud* GOTLIB, 1999, p.255-256). Ou como afirmam Deleuze e Guattari: “[...] pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema.”

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao visitarmos as cartas e contos de Clarice buscamos mostrar que a tensão identitária, caracterizada pela frustração, pelo vazio e pela solidão, decorrentes de uma subjetividade desterritorializada, encontra-se retratada tanto no texto epistolar como nos contos da escritora aqui citados.

As personagens se veem imersas em um contexto social no qual as relações entre os indivíduos estão marcadas por relacionamentos superficiais. A ausência de trocas intersubjetivas sólidas acarreta no Eu frustrações e melancolia.

Para adaptar-se, a personagem é levada a sufocar seus desejos em função dos anseios do Outro. Em meio à tensão em saber quem se é e na busca por estabelecer relação com o Outro, as personagens vivem momentos de territorialização da subjetividade por meio dos quais tomam consciência dos seus sonhos e desejos, que, no entanto, logo são sufocados e elas voltam para os lugares e para as relações previamente estabelecidas.

Nesse sentido, conscientes da condição em que vivem e da ausência de uma relação mais completa, as personagens traçam linhas de fuga, que permitem desterritorializar o território existente, percebendo novas formas de relacionamento consigo, com o mundo e com os outros: “Tenha coragem de se transformar, minha querida, de fazer o que você deseja – seja sair nos week-end, seja o que for”. (LISPECTOR, *apud* GOTLIB, 1999, p.256).



REFERÊNCIAS

ARTIÉRES, Philippe. “Arquivar a Própria Vida”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 21, 1998.

CANDIDO, Antonio. “A Personagem do Romance”. In: **A Personagem de Ficção**. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1996.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice. Uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

IONTA, Marilda. **A poética do sigilo: cartas de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. / Philippe Lejeune; organização: Jovita Maria Gertheim Noronha; tradução de Jovita Maria Gertheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTERO, Teresa (Org). **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.